

A “cidade do bem”: uma escola de disciplina

Marilécia Oliveira Santos

Profª Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Mestre pela Universidade Federal da Bahia - UFBA

Em março de 1891, o empresário baiano Luiz Tarquínio, juntamente com mais dois sócios fundou na cidade de Salvador a Companhia Empório Industrial do Norte – CEIN, um empreendimento inovador e considerado ousado pelos conterrâneos do período.

A CEIN despertou atenção por seu tamanho, pelas inovações no maquinário adotado e pelo propósito de produzir tecidos até então não fabricados no Brasil. Todavia, os aspectos que despertaram maior interesse foram à construção de uma vila para abrigar os funcionários e o tratamento dispensado ao conjunto dos empregados. A vila, anexa à fábrica foi inaugurada em maio de 1892. A forma específica de organização do trabalho, a higiene, o incentivo a educação formal, as casas alugadas para moradia dos empregados com água canalizada, esgoto, luz elétrica e gás numa vila que contava com açougue, gabinete médico e creche explicam a surpresa naquele momento.

A explicação pela estranheza pode ainda revelar o incômodo pelo modo como se passava a lidar com a constituição de um reservatório de força de trabalho no interior de uma sociedade recém saída da escravidão.

Estudar a vila enquanto um espaço de vivência dos operários e de constituição de força de trabalho da Companhia consiste no objeto deste estudo. Por meio dele procura-se verificar as relações estabelecidas pela direção fabril no sentido de planejar o cotidiano do trabalhador acessando todo código de condutas que se procurou impor nesse espaço com a intenção de disciplinar os comportamentos para o exercício do trabalho com vistas à obtenção de maior rendimento.

Busca-se também procurar compreender como os trabalhadores perceberam essas intenções de controle, algumas vezes submetendo-se as determinações e outras realizando esforços para tornar tais espaços como territórios apropriados, lugares de sociabilidades e de construção de singularidades.

Tal preocupação fundamenta-se na compreensão de que a produção do espaço urbano decorre tanto das “formas materiais e funcionais que sustentam o processo de produção capitalista”, quanto são marcadas também “pelos códigos e símbolos que se constroem na vida cotidiana e que estabelecem um sentido particular no processo de produção da cidade”.¹

A disciplina e a ordem eram fundamentais para a seqüência da produção no sistema fabril e assim o controle se fez presente e foi utilizado sob diversas formas, dentro e fora do ambiente produtivo. As vilas operárias inserem-se nos quadros de mudança da estratégia patronal em relação à disciplina do operariado, que passa a empregar métodos punitivos diferentes dos utilizadas até então.²

O projeto inicial previa ao todo 600 residências, construídas por etapas. Em uma primeira etapa foram construídas 258 residências, distribuídas em oito blocos paralelos. Em cada extremidade destes blocos, onde hoje é a Avenida Luiz Tarquínio na cidade baixa em Salvador, havia um grande portão gradeado, que era fechado às 21 horas. Os blocos foram identificados em um período por letras e em outro por números e ainda por secções. Esses blocos eram separados por ruas pavimentadas de 7,5 metros de largura por 84 metros de comprimento, com pequena inclinação que permitia a drenagem das águas pluviais e mesmo das lavagens das ruas, que eram freqüentes.

Pelas plantas percebe-se que as casas não tinham um padrão único de construção, mas sim três padrões, diferenciados pelo modelo, pelo tamanho e pela distribuição dos cômodos internos. As casas eram geminadas, contavam com dois pavimentos e, em cada uma delas, havia um pequeno jardim à frente. Os fundos das casas encontravam-se, mas não havia comunicação entre elas. Estudos revelam que os jardins nas vilas operárias tiveram um papel

importante na domesticação dos trabalhadores. Os concursos promovidos pelas empresas para escolha dos jardins mais bonitos e bem cuidados eram freqüentes e esta atividade demandava tempo e dedicação das horas de descanso dos trabalhadores.

As diferenças nas casas podem representar a presença de chefes intermediários, ou funcionários graduados na Vila. O estudo de Teixeira (1990) mostrou que, naquela experiência, as casas maiores e mais confortáveis eram ocupadas por chefes intermediários que colaboravam com o controle interno dos trabalhadores na vila.

Além das ruas residenciais, havia ao lado da vila um campo de futebol, uma praça com uma área de 1530 m² e, no centro desta, dois coretos. Na Vila havia uma banda de música cujos membros eram operários e contava ainda com uma escola onde estudavam as crianças, filhos dos operários, e alguns operários nas aulas noturnas.

A preocupação do empresário em modelar o comportamento dos trabalhadores da fábrica com vistas a incutir-lhes a crença na participação dos frutos da riqueza produzida pelo trabalho aparece nos artigos do jornal de circulação dominical no interior da vila operária, intitulado *O Operário*, no qual Luiz Tarquínio “redigia os editoriais, de instrução e conselhos”.³

Posteriormente, alguns destes editoriais foram reunidos pelo próprio empresário em um livro intitulado *Preceitos Moraes e Cívicos*.⁴ O jornal foi substituído posteriormente por uma revista com o significativo nome de *Cidade do Bem*, que teve o seu 1º exemplar distribuído em 1º de janeiro de 1899. Tal como em *O Operário*, a *Cidade do Bem* veiculava os “conselhos” do empresário aos seus empregados.

Com a finalidade de também divulgar seu empreendimento, Luiz Tarquínio investiu na publicização do seu projeto mandando confeccionar na Inglaterra e na França cartões postais com fotografias tanto da fábrica quanto da vila. Alguns cartões foram distribuídos aos operários para que estes enviassem a parentes e amigos possivelmente como recurso para atrair trabalhadores, outros foram distribuídos aos membros da elite local, talvez numa investida na

divulgação da imagem de uma Bahia moderna sintonizada com as grandes metrópoles do mundo.

Desde o final do século XIX e início do XX, particulares construíram conjunto de pequenas casas nos seus quintais para serem alugadas a trabalhadores. Diversos proprietários de terrenos urbanos, construíram residências para aluguel em áreas maiores ou mesmo conjunto de pequenas casas nos seus quintais para serem alugadas a trabalhadores. Essas moradias obtiveram o sugestivo nome de “casas de operário” e eram avaliadas pelo Conselho Municipal. As plantas, detalhando a distribuição interna dos cômodos, mostram a precariedade das condições das casas. A quantidade de processos existentes no Arquivo Histórico Municipal de Salvador, Fundação Gregório de Mattos, sugere ter sido este um negócio lucrativo para a iniciativa privada principalmente pelas isenções fiscais.

A demanda habitacional era, na virada do século em Salvador, pequena o que forçava o aumento do valor dos aluguéis promovendo, para a maioria da população, uma moradia cara e de baixa qualidade, agravada pela contínua expulsão dos moradores em função do comércio.⁵

A construção de vilas operárias pelos próprios industriais, além de reduzir a inconstância dos trabalhadores na fábrica, revelou-se bastante lucrativa também pela segurança no recebimento dos aluguéis. Sem dúvida, era um investimento alto e pouco generalizado entre os industriais da época, uma vez que o empreendimento representava uma inversão de vultosos capitais e somente as grandes indústrias poderiam fazê-lo.

Ao estudar as vilas operárias construídas na Bahia no período da Primeira República Luiz Cardoso descreve as condições das instalações e das casas em geral, destacando as diferenças do padrão das residências da vila da CEIN. O autor mostra uma relativa independência dos moradores das demais vilas que tinham suas casas viradas para os logradouros públicos e não eram muradas. Afirma que o morador da vila da CEIN “trocava” sua independência e privacidade por uma moradia mais limpa e organizada.⁶

Maria Auxiliadora Decca, ao estudar o cotidiano operário em São Paulo demonstra que a tentativa de modelagem do comportamento dos operários se fazia presente em todos os espaços possíveis: no lazer, na educação dos filhos, na escola, nas ruas internas da vila e na domesticidade dos moradores. Enfim, dentro e fora do ambiente produtivo representando mais do que a extração da força de trabalho e revelando também a tentativa de introjetar no universo do operário um modelo de vida com valores materiais, morais e espirituais.⁷

Para parte das elites locais do período, o exemplo da fábrica de Luiz Tarquínio inspirava esperança no futuro do Brasil e, particularmente da Bahia, que vivia um momento de estagnação econômica no seu principal produto de exportação - o açúcar. Para um visitante que escreveu suas impressões a respeito da fábrica, Luiz Tarquínio transformara uma “massa heterogênea e informe”, em “um só elemento, sóbrio, disciplinado e em todo o sentido útil a pátria”. Ali constava um exemplo que estava dando certo uma vez que vigorava “uma ordem, um decoro e uma convenção, dignos de comunidades mais elevadas sob o ponto de vista social”.⁸

Ao longo da sua existência a CEIN experimentou momentos de euforia em face dos lucros obtidos e momentos de melancolia em função das crises provocadas pelas alterações que derivaram das conjunturas nacionais e internacionais. Estas oscilações repercutiram na vida dos trabalhadores e moradores da Vila Operária.

Para Sampaio (1975), a CEIN vivenciou muitas oscilações em decorrência das conjunturas nacionais e internacionais. O reflexo destas oscilações para os moradores da vila se revelou em momentos distintos como no ano de 1918, por ocasião da Primeira Grande Guerra Mundial. A empresa trabalhava, em grande medida, com matéria-prima importada em virtude dos tecidos que produzia em grande escala e o longo período da guerra dificultava as importações. A falta de matéria-prima forçou a fábrica a estabelecer um escalonamento dos dias da semana que a fábrica funcionaria. O jornal operário *O Tempo* fez uma série de artigos durante os meses de julho a agosto de 1918 denunciando as condições dos empregados da

CEIN que recebiam por produção e após a dedução do aluguel não restaria o suficiente para provimento das necessidades dos operários.

O complexo residencial criado por Luiz Tarquínio sofreu profundas transformações e muitas delas foram noticiadas em jornais baianos que procuraram registrá-las a partir das falas dos ex-empregados da empresa. Através desses registros percebe-se a memória das experiências vividas pelos indivíduos. A memória pessoal remete a memória social, familiar e grupal.

Em diversos momentos comemorativos estes mesmos jornais veicularam notícias com fins laudatórias e enaltecendo os feitos do empresário. Ainda assim permitem conhecer parte das experiências vividas através das entrevistas fornecidas pelos trabalhadores, mesmo considerando os filtros utilizados pelos propósitos das matérias.

O depoimento colhido pelo Jornal *A Tarde* em 1989 do Sr. Lino Silva Santos, então com 72 anos e ex-servente da empresa por mais de 40 anos é emblemático para se perceber a compreensão que os moradores tiveram sobre as interferências ocorridas naquele espaço. Apesar do tom melancólico e do saudosismo presente nas lembranças do entrevistado, nelas também estão presentes os problemas enfrentados por eles. Recordou a afirmação do pai de que “no tempo de Luiz Tarquínio, a vila era uma beleza: tudo cuidado, tudo limpo”. Informa alguns dos “muitos apertos” que passaram. Para ele os problemas iniciaram com a venda de um quarteirão para a empresa Coca-cola instalar um depósito. Esta venda teria obrigado “muita gente a procurar outro lugar para morar, distante da fábrica”. Relatou a destruição dos coretos, as desativações do armazém, açougue, consultório médico e substituição da escola por uma maior pela Secretaria de Educação do Estado. Para o entrevistado a situação foi se agravando e “quando as coisas começaram a ficar pretas para a Empório, eles já não sabiam o que fazer com a gente”. Remete a determinação dos primórdios da empresa quanto a premiação de uma casa para o operário que tivesse bom comportamento por 10 anos consecutivos e mesmo a

isenção dos aluguéis para aqueles que tivessem bom comportamento por 5 anos. Ao final da entrevista ele lamenta “na prática, as coisas foram diferentes”.⁹

Além da empresa Coca-Cola, a fábrica de cigarros Souza Cruz comprou dois quarteirões da Vila no ano de 1935 e os moradores também tiveram que ser relocados. Em 08/08/35 a Prefeitura Municipal aprovou a planta para reforma das instalações e adequação aos interesses da nova empresa.

A vila possibilitava uma interferência racional no cotidiano dos trabalhadores e havia uma fiscalização constante. A permanência da fiscalização justificava-se pela necessidade de vigiar os hábitos que eram diversos numa Bahia tão mestiça. Não questionar formalmente o regulamento e submeter-se às normas disciplinares também pode ser uma estratégia dos trabalhadores para terem acesso aos prêmios e merecimentos destinados àqueles considerados “bons trabalhadores” e mesmo a continuação da moradia, pois trabalhar e ter onde morar era uma condição indissociável.

Este estudo se propõe a analisar as relações estabelecidas dentro da Vila operária e compreendendo a Vila como um espaço dominado ou apropriado com um sentido político pela direção da empresa, mas também apropriado pelos trabalhadores, cujas relações sociais produziram uma identidade tornando esse espaço uma referência, levando-se em conta a relação entre a dimensão material (político-econômica) e a dimensão imaterial (simbólico-cultural). Para tanto é importante abordar as leituras que tratam das práticas sociais que dão significado ou ressignificados aos espaços de sociabilidade.¹⁰

¹ . SILVA, Joceli Maria. “Culturas e territorialidades urbanas”. *Revista História Regional*. nº05. Ponta Grossa, 2002

² . TEIXEIRA, Palmira Petratti. *A fábrica do sonho – trajetória do industrial Jorge Street*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

³ . PINHO, Pérciles Madureira de. *Luiz Tarquínio, pioneiro da justiça social no Brasil*. Bahia: Imprensa Vitória, 1944.

⁴ . TARQUINIO, Luiz. *Preceitos Moraes e Cívicos*. Bahia: Estabelecimento Litho-Typographia L. H. Lingouri, 1901.

⁵ . SANTOS, Mario Augusto da. *Sobrevivências e Tensões Sociais: Salvador (1890-1930)*. 1982. 472f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

⁶ . CARDOSO, Luiz Antonio Fernandez. *Entre vilas e avenidas: habitações proletárias em Salvador, na Primeira República*. 1991. 206f. Dissertação (Mestrado em arquitetura e urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia.

⁷ .DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas – cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1987.

⁸ . COSTA, José Simão da. *Jornal de Notícias*. Este articulista do jornal visitou o empreendimento industrial e escreveu uma série de artigos entre 24/10/1898 a 24/11/1898 fornecendo detalhes da fábrica e da vila operária.

⁹ . O Pioneirismo de Luiz Tarquínio. *Jornal A Tarde*. 29.03.1989.

¹⁰ . BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1989; CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes,1996.